



## Relato de experiência em espaço não-formal: ensino da higienização de hortaliças em uma feira do produtor no município de Maringá

*Report of an experience in a non-formal setting: teaching vegetable hygiene at a farmers' market in the municipality of Maringá*

**Amanda Lins Cesnik**

Universidade Estadual de Maringá, 0009-0009-8199-5962

amandalinscesnik@gmail.com

**Gracieli Souza da Rocha**

Universidade Estadual de Maringá, 0009-0005-5248-7388,

graciele\_malta@hotmail.com

**Bianca Georg Fusinato**

Universidade Estadual de Maringá, 0000-0003-4132-6632,

biancafusinato@hotmail.com

**Poliana Barbosa da Riva**

Universidade Estadual de Maringá, /0000-0002-0994-8186,

pbriva@uem.br

### Resumo

Higienizar as hortaliças e frutas de forma correta é um ato simples, mas importante para prevenir diversas doenças. O presente relato de experiência tem por objetivo evidenciar o nível de conhecimento e ensino correto da população em relação à lavagem de verduras, frutas e hortaliças em uma feira do produtor, espaço não formal, no município de Maringá-PR. A intervenção pedagógica extensionista foi realizada no período matutino, o que abrange o público idoso, de meia idade e até mesmo crianças. Utilizou-se de panfletos e explicações sobre as doenças que podem acometer o indivíduo, se caso não houver forma correta no momento da desinfecção. Os usuários da feira relataram desconfiança devido ao uso de componentes

Revista Conexão ComCiência,  
Fortaleza, n.1, v.6, e15938, 2026  
ISSN: 2763-5848



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



químicos geralmente usados para limpeza pesada do cotidiano, mostrando de fato a necessidade de trazer o conteúdo acadêmico para as ruas, a fim de desmistificar alguns comportamentos ou pensamentos errôneos, que têm sido passados de geração após geração.

Palavras-chaves: Feira. Extensão. Ensino. Acadêmico.

## Abstract

Washing fruits and vegetables properly is a simple yet important act for preventing various diseases. This experience report aims to highlight the level of knowledge and correct education among the population regarding washing fruits and vegetables at a farmers' market, a non-informal space, in the municipality of Maringá, Paraná. The educational outreach intervention was conducted in the morning, reaching seniors, middle-aged people, and even children. Pamphlets and explanations were provided about the diseases that can affect individuals if disinfection is not carried out correctly. Market attendees reported distrust due to the use of chemicals typically used for heavy-duty cleaning in everyday life, demonstrating the need to bring academic content to the streets to demystify some erroneous behaviors and thinking that have been passed down from generation to generation.

Keywords: Fair. Extension. Teaching. Academic.

## 1 Introdução

Atualmente, muito tem sido publicado sobre o ensino de ciências em espaços formais e não-formais de ensino. Sabe-se que ainda não há um consenso acerca das definições de cada um, embora, para Gohn (2006), o espaço formal diz respeito aos ambientes de educação normalizados, ou seja, dentro dos muros das escolas. Para a autora, os espaços não-formais são aqueles fora do ambiente escolar, tais como museus, parques, zoológicos. Segundo Cascais e Terán (2011), a educação se dá a partir do compartilhamento de experiências entre os indivíduos. O objetivo desses espaços, então, é proporcionar conhecimento sobre o mundo em que vivem, trabalhando especificamente os aspectos sociais a partir de uma construção identitária.

Neste contexto, o ensino de ciências em espaços não-formais tem sido consistente quando se fala de abordagem pedagógica, se apresentando como uma maneira eficaz e inovadora de ensino e aprendizagem, sendo capaz de oferecer aos alunos oportunidades de aprendizagem diferentes, fora dos ambientes tradicionais escolares (Marandino, 2007). Diante de um cenário educacional complexo e repleto de desafios, os ambientes não formais atuam promovendo a socialização, transdisciplinaridade,





valorização das emoções, complementando as dinâmicas da sala de aula. Assim, tornam as experiências mais prazerosas, de modo que desperte nos alunos o interesse por aprender, de acordo com Quadra e D'ávila (2016). Ainda afirmam que a educação não formal não aparece para substituir a educação formal, mas sim para complementá-la.

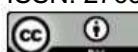
Diante disso, Jacobucci (2008) destaca que essas construções e vivências nestes espaços são cruciais para despertar a curiosidade e interesse dos alunos, contribuindo para a formação de um pensamento investigativo e crítico.

Nesse contexto, segundo a autora, a educação em centros de ciências, museus, exposições interativas, zoológicos e outras categorias de ensino fora do ambiente da escola representam importantes parceiros quando o assunto é formação científica, pois permitem que a sociedade tenha uma visão de mundo de forma mais dinâmica e ampliada (Jacobucci, 2008).

O conhecimento científico desempenha um papel essencial no progresso social, uma vez que viabiliza a compreensão e atuação sobre o mundo ao nosso redor, auxilia na solução de desafios complexos, impulsiona inovações tecnológicas e contribui para elevar o bem-estar das pessoas. Além disso, estimula o desenvolvimento do pensamento crítico e favorece decisões fundamentadas em fatos e evidências. Uma prática interessante para conectar a comunidade ao conhecimento científico é a utilização de feiras livres como espaços não-formais de ensino. Neste sentido, é possível afirmar que:

As feiras livres, para além da simples comercialização, compra e venda de mercadorias, devem ser pensadas enquanto espaços educativos e pedagógicos não formais de aprendizagem, que revelam a dimensão educativa das cidades e da relação do trabalho com a formação humana. Desta forma, tais lugares devem ser compreendidos, também, como espaços privilegiados de educação popular e de produção cultural (Dalenogare; Alberti, 2011, p.3).

Assim, a feira livre se estrutura enquanto fenômeno que está “totalmente vinculado ao espaço, à economia e à cultura, apresentando uma diversidade de produtos, de hábitos e vivências que envolvem, sobretudo, os fatores econômicos, movimentando a cidade” (Férrer; Vieira, 2018, p. 03). Os autores ainda afirmam que estes locais





pedagógicos possibilitam, além da comercialização, a produção de saberes do trabalho gerada por trabalhadores e trabalhadoras. Sendo assim, a feira livre é reconhecida como um espaço não formal de educação, pois promove processos de ensino e aprendizagem que ultrapassam os limites da escola e se desenvolvem em um ambiente dinâmico, marcado pela troca de saberes, experiências e práticas sociais cotidianas, de acordo com Fernandes e colaboradores (2019).

A partir desse contexto e conhecendo as condições higiênico-sanitárias em feiras livres, as quais frequentemente apresentam condições que favorecem a contaminação dos alimentos e aumentam o risco de doenças transmitidas por alimentos (Rosa; Lobato, 2021), houve a necessidade de planejar uma ação extensionista que vise a promoção de diálogos e reflexões sobre a higienização das hortaliças.

Partindo destes pressupostos, o objetivo deste trabalho foi evidenciar o nível de conhecimento e ensino correto da população em relação à lavagem de verduras, frutas e hortaliças em uma feira do produtor, espaço não formal, no município de Maringá-PR, com intuito de sensibilizar o público com relação a higienização correta de frutas, legumes e verduras, para a prevenção de doenças causadas por parasitos intestinais.

## 2 Percurso metodológico

A presente pesquisa foi realizada por meio da metodologia da pesquisa-participante, ou seja, os pesquisadores participam ativamente na teoria, na coleta, análise e interpretação dos dados, não sendo uma realidade distante ao observador (Gil, 2008), permitindo assim, um relato de experiência. Mussi, Flores e Almeida (2021), tratam o relato de experiência como conhecimento construído para além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), possibilitando a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo e por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante).

A atividade de extensão foi planejada na disciplina do curso de graduação em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Maringá (UEM, Maringá, Paraná,





Brasil), denominada *Estágio Supervisionado: Espaços Pedagógicos e Culturais*. A intervenção pedagógica extensionista foi realizada na feira do produtor em Maringá, no período da manhã. O público-alvo consistiu nos frequentadores da feira, incluindo moradores da região e pessoas que a visitam regularmente, como famílias e idosos (Figura 1).

**Figura 1. Panorama da Feira do Produtor em Maringá.**



**Fonte: Autoras 2024.**

Pensando na diversidade do público participante, alguns recursos foram utilizados, a fim de tornar a intervenção mais didática e inclusiva a toda comunidade que frequenta o local. Foram utilizados um recipiente de água sanitária (hipoclorito de sódio), folhetos informativos impressos (Figura 2) com um passo a passo explicativo sobre o processo de higienização, cartazes construídos em cartolina e modelo didático de protozoário *Giardia duodenalis*, um agente patogênico frequentemente associado à contaminação de alimentos.

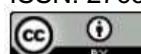


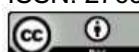


Figura 2. Folheto impresso distribuído aos frequentadores, detalhando o passo a passo da higienização segura de frutas, verduras e legumes com hipoclorito de sódio.



Fonte: Autoras 2024.

A pluralidade de recursos pedagógicos visava a possibilidade de tornar a informação mais acessível e interessante, estimulando a participação ativa da comunidade, independente da faixa etária, condição econômica e/ou escolaridade (Figura 3).





**Figura 3. Acadêmicas do curso de Ciências Biológicas durante a ação extensionista.**

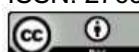


**Fonte: Autoras 2024.**

### 3 Resultados e discussões

Embora tenham sido criados diversos instrumentos que buscam normatizar as boas práticas e as condições sanitárias na comercialização de alimentos em feiras livres e mercados públicos, pontos de contaminação de hortaliças ainda persistem nestes espaços (Rosa; Lobato, 2021).

Durante a realização da atividade extensionista, foi observado que grande parte do público, composto majoritariamente por frequentadores regulares da feira, afirmou já conhecer os métodos corretos de higienização das hortaliças, que envolvia o passo a passo utilizando água sanitária. Apesar do interesse limitado, algumas pessoas demonstraram preocupações quanto ao uso da água sanitária, levantando questões sobre sua toxicidade,





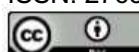
eficácia e segurança, especificamente em contextos envolvendo crianças e gestantes. Por conta dessas incertezas e receios, uma parte do público relatou utilizar meios que não entregam os mesmos resultados e, os quais, por vezes, são ensinados erroneamente de geração em geração.

Uma participante relatou a utilização de vinagre diluído em pouca quantidade de água, justificando que seu alto teor de acidez atuava como um efetivo sanitizante para os microrganismos. A postura assumida foi explicar que a solução com água sanitária, quando diluída corretamente, é eficaz e segura, desde que a prática seja acompanhada de enxágue adequado em água corrente e potável após quinze minutos em imersão (Figura 4).

**Figura 4. Momento da demonstração: hortaliças imersas na solução de água sanitária corretamente diluída.**



**Fonte: Autoras 2024.**





A fim de conscientizar a população sobre a importância do uso da água sanitária, estudos científicos comprovam que esta solução diluída em água se mostra eficaz na eliminação de patógenos. De acordo com Silva (2025), no Brasil, o hipoclorito de sódio é o principal saneante recomendado por lei para a higienização de hortaliças, sendo fundamental para garantir a segurança dos alimentos e prevenir doenças veiculadas por alimentos contaminados.

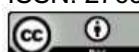
Para o autor, os produtos à base de hipoclorito de sódio são os mais utilizados devido à sua alta ação saneante que elimina microrganismos patogênicos, como parasitas, e podem ser encontrados em pó ou líquido. Porém, mesmo com a gama de produtos sanitizantes disponíveis, a água sanitária destaca-se devido à sua praticidade, eficácia e acessibilidade econômica, tornando-se uma alternativa viável para a maioria das pessoas em seu dia a dia. Portanto, esse produto tornou-se o mais viável a ser apresentado ao público como uma maneira simples de garantir segurança dos alimentos.

Outro relato foi o uso de detergente e esponja de lavar louças, o que não é incomum, haja vista a sua fácil associação com limpeza. Contudo, estes não são métodos recomendados, pois podem agregar à hortaliça mais microrganismos.

Estudo recente de Campos e colaboradores (2018) mostraram que 75% dos feirantes investigados relatam preocupação com a higiene dos alimentos. Nesse caso, para os autores, faz-se necessária ações educativas para os feirantes e consumidores, a fim de favorecer atitudes que garantam a segurança dos alimentos e nutricional de todos os sujeitos investigados (Campos *et. al.*, 2018).

De maneira geral, todos os questionamentos foram esclarecidos, de modo a possibilitar uma possível reconstrução de pensamento e reflexão sobre os hábitos escolhidos, ocasionando uma possível mudança comportamental necessária.

Os relatos mencionados, apesar de terem se destacado, foram uma minoria em meio às inúmeras afirmações sobre o método de higienização com hipoclorito já ser conhecido e praticado. Uma possível razão para esse tipo de fala ter se repetido tantas vezes é a localização da feira, um bairro de classe alta da cidade e próximo à universidade. Isso implica que os moradores da região estejam em maior número na feira, e essas





pessoas, por possuírem um grau de educação mais elevado do que costuma-se observar em outros grupos sociais, já possuem familiaridade com o tema.

Como indicado no início, esse conhecimento prévio provavelmente é uma das razões pelas quais o estande não obteve tantas visitas espontâneas.

Além disso, foram as frequentes suposições de que a equipe era composta por profissionais e/ou estudantes da área da saúde, o que revela uma visão estereotipada do papel que cada profissão representa na sociedade, e pode também indicar uma falta de familiaridade com os ramos da área da biologia, que contempla as questões de saúde em muitas esferas. Isso nos mostra a importância da extensão para o curso de Ciências Biológicas, pois além de promover uma ponte entre universidade e comunidade, permite expor os variados campos de conhecimento que os biólogos ocupam.

## 4 Considerações finais

A atividade de extensão da disciplina *Estágio Supervisionado: Espaços Pedagógicos e Culturais*, realizada em um feira livre, visou demonstrar de uma forma lúdica como deve ser feita a higienização das hortaliças com o hipoclorito de sódio, sendo este um excelente sanitizante. Contudo, para alguns participantes da pesquisa, ainda há dúvidas sobre a possibilidade de uso desta solução para higienização de hortaliças.

Deste modo, muitos participantes afirmaram utilizar o produto em questão para fins higienizantes e uma minoria declarou ter dúvidas em relação ao odor e possíveis prejuízos à crianças e gestantes. Nesse sentido, diálogos foram estabelecidos, a fim de auxiliar estes sujeitos e informá-los da inexistência de prejuízos se usado corretamente.

De modo geral, a intervenção foi eficiente e demonstrou ser necessária, diante das percepções e equívocos que ainda existem na população acerca da temática. Diante disso, as feiras livres apresentam potencial como espaço de educação não-formal, buscando estreitar as relações entre universidade e comunidade local, em uma perspectiva colaborativa e crítico-reflexiva acerca do seu papel.





## Referências

CAMPOS, I. C. S.; FIGUEIREDO, P. C.; RIBEIRO, N. R.; MARTINS, B. X.; MARQUES, N. P. A.; BINOTI, M. L. Perfil e percepções dos feirantes em relação ao trabalho e segurança alimentar e nutricional nas feiras livres. **HU Rev [Internet]**, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/2869> Acesso em: 15 fevereiro 2025.

CASCAIS, Maria das Graças Alves; TERÁN, Augusto Fachín. Educação formal, informal e não formal em ciências: contribuições dos diversos espaços educativos. **XX Encontro de Pesquisa Educacional Norte-Nordeste**, 2011.

DALENOGARE, V.; ALBERTI, D. L. Educação popular: saberes entrelaçados. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI**. Erechim, Rio Grande do Sul, v.7, n. 12, p. 1-8, 2011.

FERNANDES, M. S.; SANTOS, V. L.; GLÓRIA, C. M. Feirante: transformações socioculturais do processo de herança – feira: como espaço não formal de ensino. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 6, 2019, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Realize Editora, 2019. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD4\\_SA17\\_ID14019\\_02102019173446.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD4_SA17_ID14019_02102019173446.pdf). Acesso em: 25 jun. 2025.

FÉRRER, A. T. B.; VIEIRA, E. V.. CAMINHOS PARA TRABALHAR A FEIRA LIVRE COMO ELEMENTO DIDÁTICO PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA. In: V Congresso Nacional de Educação — V CONEDU, Recife, PE. **Anais...** 2018. Disponível em [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO\\_EV117\\_MD1\\_SA5\\_ID939\\_06092018095025.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA5_ID939_06092018095025.pdf) Acesso em: 15 fevereiro 2025.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 55–62, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390>. Acesso em: 23 abr. 2025.





MARANDINO, M. É possível estudar aprendizagem nos museus de ciências. A pesquisa em ensino de ciências no Brasil: alguns recortes. Tradução . São Paulo: Escrituras, 2007. Disponível em <https://repositorio.usp.br/item/001646396> Acesso em: 11.jan. 2026.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista , v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-26792021000500060](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060) Acesso em 15.fev.2025.

ROSA, M. Y. O.; LOBATO, F. H. S. CONDIÇÕES E PRÁTICAS HIGIÊNICO-SANITÁRIAS EM FEIRAS E MERCADOS PÚBLICOS BRASILEIROS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA. **HOLOS**, v. 6, 2021. Disponível em <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/10298> Acesso em 15.fev.2025.

SILVA, F. A higienização de hortaliças com hipoclorito de sódio e a segurança alimentar em feiras livres. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, 2025. Disponível em [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD4\\_S\\_A17\\_ID14019\\_02102019173446.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD4_S_A17_ID14019_02102019173446.pdf) Acesso em 10.jul.2025.

QUADRA, Gabrielle Rabello; D'ÁVILA, Sthefane. Educação Não-Formal: qual a sua importância?. **Revista Brasileira de Zoociências**, v. 17, n. 2, 2016.

